

# Editorial

---

Quem conhece *Evidência* já sabe que esta não é uma revista temática. Ultrapassando o conceito de escola e de educação formal, como seu subtítulo indica – *olhares e pesquisa em saberes educacionais* – a revista abre espaço para publicações de toda ordem, desde que contribuam de forma geral para o desenvolvimento da educação. Este é um projeto de *Evidência* e que tem sido levado à frente, chegando, agora, com sua indexação a uma base de dados: a Edubase.

Do ponto de vista institucional, com a política de publicação do Uniaraxá, *Evidência* avança de seu projeto inicial, saindo do seu nicho original – Instituto Superior de Educação – para ocupar um espaço mais amplo como publicação científica do *Uniaraxá* para a área de Educação e áreas afins.

Para quem já conhece *Evidência* e acompanha suas publicações anuais, essa edição apresenta uma novidade: o texto está mais compacto, com a diminuição do tamanho do corpo das letras e das entrelinhas, criando um efeito de condensação que melhora o visual do texto e desta publicação. Tudo sem alterar o plano geral e a imagem da revista.

Outra consideração importante e referência para todos da editoria de *Evidência* é o papel que acreditamos reservado a ela tanto no espaço acadêmico quanto do ponto de

vista local e regional. Nesse sentido, vem ao encontro dos objetivos institucionais de incentivo à produção científica acadêmica e circulação de produção através de veículo próprio. Assim, a Instituição cumpre seu papel tanto se constituindo como espaço acadêmico cientificamente produtivo quanto se confirmando ponto de convergência da produção científica espelhada pelos mais distantes e diferentes pontos do país e do exterior, em um esforço consciente e programático de melhoria da educação no Brasil e nesta região polarizada pelo *Uniaraxá*.

Quando se fala em educação, é sempre importante que se diga, e é também por isso que trazemos a questão para esse espaço editorial, que o momento é de extrema preocupação. Encantada que está pelas novidades tecnológicas e pelas possibilidades da “globalização”, a geração presente não tem cumprido bem seu papel de garantir às crianças e jovens o acesso ao conhecimento socialmente construído e pode comprometer as futuras gerações não dando a elas o acesso consciente aos caminhos para a construção de novos saberes e novos conhecimentos. E isso tem ocorrido em duas direções bem claras: a perda de referência pelas mudanças das organizações sociais e pelo deslocamento do conceito e realidade da própria organização do Estado como tal. Do ponto de vista das mudanças estruturais da sociedade, pode-se dizer que organizações como família, igreja, associações, sindicatos, escola... não têm mais nem o poder que já tiveram nem a estrutura com a solidez que já experimentaram, o que tem feito dessas organizações, muitas vezes, ou arremedos do que já foram ou inconsistências pela falta de maturidade dos novos modelos. Da mesma forma, o Estado, em si, ganhou nova conformação, perdendo o seu perfil de estrutura e de poder tradicional, devido às ingerências de outros Estados mais fortes, mais bem estruturados e de maior poder bélico ou econômico. O que essa mudança produziu? Entre tantas coisas, mudaram as referências em relação ao poder do Estado com suas estruturas relativas aos aparelhos de repressão e aos aparelhos ideológicos. Hoje, as organizações de justiça não funcionam, senão quando pagas e bem pagas – o que não garante que a Justiça seja feita; os aparelhos de repressão não garantem nem a ordem nem o direito para os cidadãos “de bem”, pois a criminalidade é maior e mais decidida, quando não há cumplicidade de pessoas ou organizações que deveriam garantir a ordem social e o bem-estar da coletividade; e os aparelhos ideológicos – como escola, sindicato e agremiações, entre outros – estão desarticulados e não cumprem nem mesmo seu papel de reprodutores das condições de produção, como sempre fizeram. Resultado? São sérios e desastrosos, como se pode ilustrar com o caso da Escola, que foi transformada em espaço de contenção social; instituição de punição para quem “*não quer estudar*”, espaço público de “depósito” de crianças e jovens;

instituição de prestação de serviços sociais, em que os profissionais são os mais mal pagos entre todos os serviços públicos no Brasil, por exemplo; e instituição que não mais dá conta de seu papel original, de espaço de busca e de construção do conhecimento. Chego a acreditar que a Escola está “*na contramão*”, pois não desempenha seu papel tradicional de aparelho ideológico, e, hoje, nessa sua condição, funciona como aparelho ideológico de reprodução das condições de produção de forma muito piorada, pois está desaparelhada como organização estatal e acaba prestando serviços a muitas outras organizações, mesmo estrangeiras, invadida que foi pelos meios de comunicação de massa e pelas novidades vindas das ondas de globalização, conforme já nos referimos anteriormente.

Diante dessas considerações, registra-se que *Evidência* desempenha seu papel: publicar diferentes e variadas produções sem preocupação de apresentar receitas para solução de problemas que estão expostos, hoje, socialmente, mas produções que continuam o percurso do questionamento científico, da análise apurada dos dados que podem ser levantados, e da reflexão e interpretação, próprias do fazer científico. Na verdade, o espaço da revista é, em si mesmo, um exercício científico, pois, aí, não só circulam dados, análises, discussões, interpretações, conclusões, questionamentos e proposições, mas também discute-se o próprio fazer científico.

Uma vez não sendo temática e abrindo espaço para as diferentes áreas do conhecimento, *Evidência* aponta que o próprio conceito do que é ciência e do que pode ser chamado de científico deve localizar-se no intervalo inexistente entre o ser e o não ser, e que a única razão para se defender a cientificidade de qualquer proposição ou escritura é a própria condição de poder ser interrogada sobre a sua própria condição de ser científica. Em um tempo em que ainda se toma afirmações tão questionadas como sendo portadoras de valor de verdade como científicas, o que encontramos nestas páginas que se seguem e que são apresentadas como constituintes da 5ª edição de *Evidência*, e o mesmo pode ser dito sobre as edições anteriores, é, exatamente, um constante exercício de questionar, perguntar a si mesmo e à realidade abordada sobre sua posição em termos de valor de verdade que se pode atribuir às proposição e às possíveis conclusões aí registradas. Como nenhuma conclusão tida como científica pode ser tomada como concludente ou absoluta, mas tão somente provisória, o que se apresenta aos leitores e pesquisadores são investigações e conclusões temporárias sobre as experiências humanas diante de si mesmas e diante das realidades materiais ou socioculturais conforme pode-se ver, página a páginas, artigo por artigo.

Mas, afinal de contas, o que pode ser encontrado nesta 5ª edição de *Evidência*? Muita coisa boa é a resposta que irrompe naturalmente. Já foi dito que não se trata de uma obra temática, portanto é bom que se explique como ela foi organizada e qual a ordenação foi dada às produções aí contidas. Por força das próprias condições de produção da revista, tornou-se imperativo que os primeiros artigos falassem mais diretamente de educação. A primeira sequência de artigos começa com uma investigação sobre a concepção de educação segundo Gramsci. Aí, os autores, Prof. Alessandro Rodrigues Pimenta e Prof. Giovanni Bezerra do Nascimento, mostram que educação é uma atividade que ultrapassa os limites das instituições formais e pode constituir-se como uma prática de formação crítica. A Prof<sup>a</sup>. Maria Celeste, em parceria com a discente Juliana Pereira Rios, trata dos projetos de subjetivação das crianças do Ensino Fundamental. *“Os resultados obtidos – segundo as autoras – confirmam a produção discursiva das identidades sexuais e de gênero, e a necessidade de desconstrução dos regimes de verdade já legitimados, pela Escola, sobre cidadania, gênero e sexualidade.”* O terceiro artigo, produzido pelas professoras Fabíola Cristina Melo e Adriene Costa de Oliveira Coimbra, leva a reflexão e o questionamento para as relações professor-aluno e escola-sociedade para examinar o processo de ensino-aprendizagem da língua materna, voltando o olhar para o papel dos professores e para os processos de ensino aprendizagem. Ainda neste espaço da escola e das relações aí presentes, a Prof<sup>a</sup>. Elisa Antônia Ribeiro aborda a avaliação institucional e o impacto sobre os docentes. Fala das políticas públicas para o ensino superior e da necessidade que se tem de resgatar o valor formativo da avaliação e da sua importância como instrumento para assegurar a função verdadeira da universidade – ser um espaço de produção da crítica e da autocrítica. A Prof<sup>a</sup>. Ivana Guimarães Lodi volta seu olhar para a própria formação e constituição do professor universitário, acentuando que ele é um ser em contínua mutação, devido a seu papel de fonte contínua de mudanças e de mediador das transformações sociais.

A segunda sequência de artigos está relacionada com as questões de discurso, de sua circulação e de sua relação com os sujeitos, em uma dialética que envolve o sujeito e o discurso com suas presenças na sociedade. Abrindo esta sequência, temos a questão do discurso da pós-modernidade. Os professores Dr. Ernani Lampert, Dr<sup>a</sup>. Maria Adoración Sánchez Holgado e Maria Tereza Ramos Bernal, ligados à Universidade de Salamanca (Espanha) e à Universidade Federal do Rio Grande (Brasil) assinam este artigo em que discutem os conceitos de pós-modernidade e as contradições desse discurso na sociedade. Apresentam dados de pesquisa quantitativa realizada com alunos da Universidade de

Salamanca (Universidade da Experiência) com idade acima de 55 anos. As conclusões são pela inconsistência e pela limitação dos conceitos atribuídos ao que se chama de pós-modernidade. Relacionam uma série de conclusões pontuais que demonstram a inconsistência do conceito de pós-modernidade como avanço na construção da sociedade; entre elas, pode-se tomar uma como ilustração dos problemas que a sociedade enfrenta, mesmo diante da defesa de que, em nossos tempos, o desenvolvimento de todos os setores trariam também o desenvolvimento humano com dias melhores e condições favorecedoras da felicidade para cada pessoa. Afirmam os autores: *“Por un lado las personas tienen más posibilidades de estudiar, de avanzar en los conocimientos y son más instruidas y conocedoras del mundo. Por otro, todo eso no las hace más educadas y humanistas, sino por el contrario y en general, las hace más materialistas, vacías, indiferentes y se percibe que hay una decadencia de los valores morales y éticos en la sociedad.”*. O segundo artigo desta sequência é assinado pelos professores Dr. Cleudemar Alves Fernandes e José Antônio Alves Júnior. Eles analisam as condições de surgência da Análise do Discurso como disciplina relacionada aos estudos linguísticos. Trata-se de um texto que deve ser lido inclusive como suporte para o entendimento dos demais artigos desse segundo bloco e de todo o exemplar, até mesmo porque, hoje, é a Análise do Discurso um avanço no entendimento do que é dito ou não dito na circulação dos discursos, na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos. O artigo seguinte examina, a partir de um texto publicado em jornal, o quanto algumas afirmações tidas como verdadeiras e que circulam na sociedade podem esconder outros discursos muito mais verdadeiros do que o que a elas é atribuído. O autor, Prof. Hermes Honório da Costa, apresenta uma reflexão sobre a falta da *“liberdade de expressão”* e aponta o caminho da Literatura para que o sujeito construir essa liberdade, uma vez que a sociedade é dominada pelas forças do controle, da censura e da interdição, conforme está explicitado em estudos foucaultianos. O Prof. Yvonélio Nery Ferreira faz uma trajetória inversa no seu artigo. Ele toma um conto de Luiz Vilela como ponto de partida para fazer uma investigação sobre memória e identidade. Para isto, apresenta uma farta fundamentação teórica que valoriza seu texto e pode levar os leitores a outras reflexões paralelas. A Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha segue a mesma perspectiva de Yvonélio, em se tratando de partir da Literatura. A autora do artigo toma como referencial *O africano*, de J.M.G. Le Clézio, autor que já conquistou o Nobel de Literatura. Dr<sup>a</sup>. Betina mostra como o autor trabalha a questão da memória como suporte não só para a construção do texto, no caso, do texto literário, mas de como esse *“retorno”* é significativo para o resgate do próprio sujeito, que vai perdendo-se e esfacelando-se no embate do sobrevier

na sociedade humana. É como ela afirma: *“Esse processo de gestação de uma visão reveladora parece encontrar na palavra uma possibilidade única de completude, uma vez que a linguagem, matéria bruta da invenção, transforma-se em substância e valor emotivos, que restituem às fissuras e detalhes do sentimento o poder de uma unidade particularizada pela esfera do sentido pleno.”*. Esta proposta de reflexão sobre o sujeito acaba ancorando esse estudo literário na Análise do Discurso, para a qual o sujeito está sempre vazado, cindido, dividido, incompleto... mas protagonista de uma luta e esforço contínuo em busca do equilíbrio, da completude, da realização. Seu artigo merece uma observação interessante: ele é precedido de um texto que apresenta o autor do texto tomado como suporte para o artigo, como em uma apresentação do autor, para que o leitor possa conhecer Le Clézio antes de ler o artigo que toma sua última produção publicada como referencial. Para fechar essa segunda sequência de artigos, temos *“A terceira margem da escrita”*, escrito pela Prof<sup>a</sup>. Silvane Catarina de Oliveira Carozzi. Ela examina a experiência do texto e da palavra, marcada pelas realidades que precedem a escrita. A base de sua produção está também na literatura, desta vez na produção teatral de José Joaquim de Campos Leão, o Qorpo Santo. Uma realidade da loucura? Talvez não. Pode ser que se trate da memória foucaultiana, ou mesmo das *“condições de produção”*, conforme o mesmo Foucault. Não sei se digo, com a autora, que se trata de uma *“loucura”*, ou se digo que se trata da invenção da liberdade de expressar e expressar-se a partir da criação literária. Uma coisa ou outra, assim conclui a autora: *“Ao escrever e publicar a Ensaiopédia, Qorpo-Santo inaugura um trabalho ou um procedimento que não mais cessará: o trabalho de enfrentamento, atravessamento, de um dobrar-se sobre si mesma da loucura, através da escrita.”*

O terceiro bloco de artigos não tem um eixo interligador desses textos. São abordagens diferenciadas, e que têm uma importância comum: convidam a uma reflexão sócio-existencial sobre diferentes temas. O Prof. Fábio Vasconcelos fala das lutas das mulheres na conquista de espaço. Transita da realidade social ao texto bíblico para examinar *“as dores”* das mulheres no espaço social e sua luta em busca de suas identidades. O Prof. Luciano Marcos Curi apresenta o texto *“A perigosa ideia de Darwin”*. Produzido no calor do bicentenário do nascimento de Darwin, o autor volta sua reflexão para o desenvolvimento do espírito científico, a partir da contribuição darwinista, e para a compreensão do mundo a partir da concepção evolucionista. Ele estabelece a polêmica a partir de uma pergunta: será que a Humanidade está guiada para algum fim? A Prof<sup>a</sup>. Letícia Vasconcelos Britto e o Adm. João Alves de Paula mostram a importância que a sociedade, do ponto de vista econômico, tem dado para os investimentos no desenvolvimento das pessoas. Eles discutem o valor

que o capital intelectual experimenta nas organizações administrativas e financeiras e de como ele pode ser capitalizado como uma vantagem competitiva. Fechando esta série de artigos, o Prof. Geraldo Magela Carozzi de Miranda discute a questão política na atualidade. Ele fala do espaço público e de como a política encaixa-se nesse espaço. Aponta o declínio desse espaço, motivado pelo declínio da própria ação política, pois os “*políticos*” acabaram transformando sua prática em uma ação que não condiz com as necessidades sociais e com a dignidade histórica da prática política. No fundo, o autor busca fomentar uma discussão e uma reflexão mais profunda sobre o sentido da vida e do nosso tempo.

Para completar esta edição, ainda temos duas outras produções: um ensaio da Prof<sup>a</sup>. Jacqueline Souza Borges de Assis sobre uma questão de uso do pronome *onde*, e uma resenha da Prof<sup>a</sup>. Maria Celeste de Moura Andrade sobre sexualidade.

Para concluir, vale lembrar que os esforços dos pesquisadores têm trazido muitas mudanças na vida de todos. Só que há uma situação que ainda não está explicada, portanto, pouco entendida. Há milênios e milênios o homem vem pesquisando e socializando os resultados de suas pesquisas. Mas, desde quando se separou ciências exatas e ciências humanas, como se se pudesse ter algum conhecimento científico separado do homem, muita coisa tem ficado sem explicação ou razão de ser. Chegou-se ao ponto de se considerar que ciência estivesse ligado diretamente com materialidade e exatidão. Ainda há muitos setores que supervalorizam as exatidões e materialidades em detrimento da interpretação. Mas todo conhecimento é passageiro e passível de suscitar dúvidas. Esta é a grandeza do exercício de pesquisar, de pensar, de interferir naquilo que foi considerado estável e equilibrado. Na verdade, só é científico aquilo que pode ser contestado, questionado. Nesse sentido, todos os autores que participam dessa edição têm seu endereço eletrônico disponibilizado no final de cada artigo, exatamente para que possa ser contatado para duas possíveis situações: contestação das afirmações ali registradas e possível criação de uma rede de discussão, como se, de repente, fosse criada uma comunidade científica através dos recursos disponíveis de comunicação via internete.

Muitas outras afirmações poderiam aqui ser feitas. Mas vale a pena acreditar que cada exemplar de Evidência, espalhado pelos quatro cantos, seja motivo de provocação e convite para que façamos do nosso exercício de pensar, de pesquisar, um exercício para que todos os homens tenham mais acesso ao Conhecimento, à Justiça, à Felicidade, à Vida.

Que os 200 anos do nascimento de Darwin, os 100 anos da identificação do *Trypanosoma cruzi*, da Doença de Chagas, sirvam de provocação para que a pesquisa científica

continue acontecendo e seus resultados distribuídos para o bem estar de todos. Temos certeza de que o *Centro Universitário do Planalto de Araxá – Uniaraxá* – continuará dando sua contribuição. E *Evidência* continuará desempenhando seu papel.

*Prof. Ms. Hermes Honório da Costa*

————— Editor —————